

QUE ME DIZEM

AO

CASAMENTO CIVIL?

EXPLICAÇÃO EM VERSO E EM PROSA

COISAS PARA RIR

NARRATIVA DE OCCASIÃO

POR...

(Adivinhem)



LISBOA

Livraria Verol, rua Augusta, 171

1866

Isto do *casamento civil* tem dado que fazer a toda a gente. Ainda mais! Isto do *casamento civil* tem feito com que fallem no assumpto milhões de pessoas que do assumpto não entendem *nada!* mas mesmo absolutamente coisa alguma! Uns reprovam-no, outros o approvam, sem uns e outros saberem o que approvam, nem o que reprovam!

Os ramerranceiros, por outra, os homens e as facções que rezam pelo *credo velho*, acham a innovação prejudicial ás leis sociaes, e que vae de encontro a tudo quanto é acatar as regras respeitaveis estatuidas pela nossa religião catholica apostolica romana. Os *progressistas*, a mocidade reformadora, o grande grupo refractario ao estacionamento das coisas mundanas, esse ergue a voz imponente, formula o codigo civil, no codigo apresenta as leis

novas, e apresenta-as como remedio proprio para a geração moderna e futura, como antidoto contra os achaques antiquarios, como a luz esplendida que nos ha de alumiar o criterio, a nós e aos nossos vindouros.

Como resolver este grande problema?

O Sr. Duque de Saldanha, rejeita o *casamento civil*. É uma velha intelligencia a combater um principio novo.

Devemos de respeitá-la?

Devemos.

O Sr. Alexandre Herculano, o nosso chronista-mór, o vulto litterario que pela sua auctoridade e saber, nos infunde o mór respeito e a admiração maxima, defende o *casamento civil*.

Devemos de lhe acatar o voto?

Devemos.

O que resta n'estes casos fazerem a opinião e a consciencia livre?

Resta estudarem a questão, e ser a boa logica, a auctoridade scientifica que cada um nomeie para arbitra, nesta questão essencialmente de principios logicos.

E a todos lhes é permittido discutir como sabem, e como o alcance das suas percepções lh'o faculte.

O douto dirá bocadinhos de oiro.

O letrado citará e argumentará com as leis do mais auctorizado direito.

O philosopho com a sua philosophia.

O deputado com o seu *silencio caracteristico*.

O par do reino com a sua *intelligencia... hereditaria*.

O parvo com o seu... *criterio*.

O homem do povo com a sua rudeza.

O saloio com as suas *razões, e as suas ahyellas conço o tro que diz*.

Ha muito tempo..., isto é, dês que foi a *Maria da Fonte*, e o ultimo *justicado*, que não appareceu em Lisboa coisa que dêsse, a toda a gente, mais que fallar, de que a parte do codigo civil, que diz respeito ao *casamento civil*, ultimamente em discussão na imprensa periodica, no parlamento, e na opinião publica!!!

Entra a gente no barbeiro, o *mestre* prepara-se para nos escanhoar scientifica e theoreticamente por um simples *pataco*, e diz-nos:

— Então o que nos diz o senhor ao *casamento civil*?

Vae uma pessoa ao theatro da rua dos Condes, compra um bilhete da *assignatura*, ao Faria cama-

roteiro, paga-o, e quando se dispõe a entrar na plateia, diz-nos o camaroteiro:

— Então o que nos diz o senhor ao *casamento civil*?

Vamos á nova Cintra, chamámos o amavel Theotónio de Carriche, elle apparece jovial como uma freira que foi eleita abbadessa, encarece-nos a agua da mina, conta-nos duas historias em *vigesima edição*, e depois de lhe pedirmos «*meia assada*» e «*pato com arroz*» e de gritarmos pela sr.^a Thomazia, para nos servir de azeitonas e conserva-brejeira, pergunta-nos o ratão do Theotónio:

— Então o que nos diz o senhor do *casamento civil*?

Vae um *sucio*, d'estes bons *vivants*, que levando a vida passada entre o *Collete encarnado* e o *José da bateira*, vae como iamós dizendo, a qualquer d'estes estabelecimentos... alcoolicos, e depois de pagar e *botar abaixo* um *copo de figura*, diz-lhe o José da bateira ou o collete encarnado:

— Então o que nos diz o senhor do *casamento civil*?

Vae um homem fallar ao seu padeiro, para que lhe continue a fiar a materia prima do alimento he

mano; — o homem lá se resolve a esperar; mas no fim pergunta:

— Então o que nos diz o senhor do *casamento civil*?

Finalmente hoje a mania que domina é a pergunta que deixámos citada e repetida.

As meninas que têm namoros e simples *derriços*, querem saber se a nova lei de casar será *provisoria* ou *permanente*.

O caixeiro, que tem ajustado o seu proximo enlace com a criada que mora defronte do seu estabelecimento, também quer saber como se entende a questão do *casamento civil*! Todos ardem no fogo da mais justificavel curiosidade, incluindo os proprios padres e a soldadesca da tropa de linha.

Nos saloios... além dos arredores da nossa cidade de Lisboa, é que o *casamento civil* tem feito uma impressão magnífica, e ao mesmo tempo excessivamente comica.

E isto é tão pouco de admirar, e tão natural, quanto é conhecida de nós todos a extrema crença em que o nosso mano *saloio* nasce, se educa, vive, e morre.

Vá lá um prestigiador a Santo Antonio do Torcifal... que vá lá tirar de dentro do chapéu da sua cabeça,

vinte kilos de pennas de gallinha, balões de papel com luz dentro e outras extravagancias, de escamotagem!... Cuidam os leitores, que elle é tido como « *escamoteur* »? Pois não! É tido por bruxo, por lobishomem, por alma do outro mundo, por uma coisa má, pelo diabo finalmente.

Ora acreditando n'isto, como devem de acreditar, pintem na sua imaginação, qual o effeito que faria nos nossos *laponios* o *casamento civil*.

Tem havido freguezias em que o alarido tem sido tanto, e os commentarios tão irritados — que se não fôra a prudencia dos parochos colados, e juizes de paz, Deus sabe a que ponto chegariam as desordens e as suas fataes consequencias.

O proprio gallego, o nosso caracteristico cidadão de Tuy, tem discursado com tanta eloquencia no seu chafariz sobre o *casamento civil*, que a illustrada assembléa de barris á vez, têm tido ensejo de dar mil estrepitosos apoiados e um numero de manifestações, mais sinceras e sentidas, do que muitas que se prodigalisam no nosso abençoado palacio das côrtes.

O que, porém, nos ha chegado ao conhecimento de mais curioso, relativamente ao assumpto de que nos temos occupado, foi a maneira e fórma por qua

um mestre sapateiro de uma escada de uma das ruas da baixa, contou e explicou a um saloio, seu conhecido, o *casamento civil*.

O caso deu-se da seguinte maneira: Um saloio vindo de Caneças, entrou pela escada do insigne remendão, e como as suas botas estivessem em *miserio estado*, (as botas do saloio) disse-lhe:

— Ora salve-o Deus a *vuncé*.

— Bom dia.

— *Vuncé poderia-me* deitar aqui uma apára nesta bota *amal* uma tomba que ficasse *ben fíche*; porque estas almas do diabo, arrombaram-se *mémo* às portas de *Sam Sabastião*?

O sapateiro affirmou-se nas *toézas* do laponio e respondeu:

— Descalce lá isso para examinar, que estando ahí a sím nos pés não posso eu vêr á minha vontade o que ellas precisam.

O saloio immediatamente subindo o primeiro lanço da escada, agarrando-se com força e alma aos banzos, e fazendo de um degráo descalçador, forcejou, gemeu como marinheiros que içam uma amarração e depois conseguiu tirar ambas as botas, que pezavam como chumbo, tinham mais taxas que um ferrageiro, e mais cebo do que a gola das so-

brecazacas de alguns amanuenses de secretarias de estado.

Uma coincidência celebre se deu. Foi o saloio descalçar as botas, e logo o mestre buxa tomar uma pitada de esturro com tal gâna, que mais parecia uma girandola de foguetes subindo aos ares, do que uma pitada que entrava a deliciar os narizes de um infeliz e misero artista sapateiro.

O saloio sentou-se na escada.

O mestre examinou-lhe attentamente os dois botins, que n'outro tempo tiveram fôrma e *fôrma*; mas que hoje estavam reduzidos a duas disformidades de desagradavel odôr e feitio mais repugnante!

O mestre disse ao saloio que as botas tinham remedio; mas que o concerto não lhe custava nem mais nem menos do que sete vintens.

O saloio quiz ainda diligenciar e fez todo o possivel para a coisa ficar pelo tostão, e afinal foram ambas as partes accordes em que se procedesse à reparação indispensavel nos asselvajados botins, por seis vintens.

Accordado isto, começou o sapateiro a deitar uma tomba e a dialogar com o laponio em verso! — Em verso! Vejam os leitores a que ponto chegou a prostituição da poesia lyrica!!!

E o mais é, que o saloio tambem o secundou
como um repentista improvisador de outeiros.

Oiçam, ou antes... leiam.

MESTRE

Você é de Sacavem ?
Ou algum mano lá tem ?

SALOIO

Arranje-me isso depressa,
Soi do logar de Caneças
Mas a *prégunta* a que vem ?

MESTRE

Não vem a nada. — E a cheia ?
Houve por lá grande estrago ?

SALOIO

Oh ! *home* não falle n'isso...
Na *mimória* ainda a trago !
Que barulho e *rebolicho* !

Nem o mestre faz ideia !
 Morreram as *lavadéras*,
Arrancáro-se olivéras...
 O povo corrêo á serra...
 Morreram bois e cavallos
 E a vacca da minha irmã
Apracéo-le na cozinha
Apracéo-le viva e sãa !!!
 Mas que dia ! *Zó* sinhores...
 Que dia de tanta magua !...
 Aquillo crescêo a agua...
 A mim morrêo-me uma chiba,
 Entrou nas casas em baixo
 E trepou até a riba
 Com mais força que o diacho !

MESTRE

Mas foi a *chiba* ou a agua ?

SALOIO

Foi a agua nas levadas...
 E as percas que então vão ?...
 Isso só... só *oservadas* !

Ha roupa de lavadêras
Que aos donos já a não dão...
Porque era uma vez a roupa
Que se foi no turbilhão!

MESTRE

Mas o governo, ao que dizem,
Mandou logo com presteza,
Soccorros para a pobreza...
Muita somma de pataco...

SALOIO

Vuncé parece velhaco...
Ou vem-me cá com cantigas,
Cá o governo o que fez?...

MESTRE

Não digas mais, sim não digas...

SALOIO

A verdade heide eu dizer
A verdade é bem de vêr,

Cá o governo o que fez ?
 Fez o que todos fariam
 Sem licença de ninguem,
 Nomeou as *commissões*
 P'ra pedirem para os *pobres*
 Pedirem algum vintem.
 Olha *dquella* que elle fez...
 O que era de agradecer,
 Era um conto, ou dois ou tres
 Elle p'ra lá remetter.
 Mas ande *vuncé* c'as botas
 Que eu tenho hoje que fazer...
 Tenho um filho que se casa
 E o rapaz anda-me em braza
 Porque já, já mais de mil
 Lhe disseram que ha agora
 Mais uma *lei de funil*.
 E que se chama p'los modos
 — O *Casamento servil*. —

O sapateiro mal o saloio lhe fallou no *Casamento civil*, esbogalhou os olhos como usurario que examina uma peça ou um dobrão de oiro, deita o botim, que estava cozendo, subitamente para o lado, e mettendo a mão dentro do cano de uma bota de

padre que tinha para remontar, tira o jornal a *Nação*, põe uma luneta a que vulgarmente chamam *cangalhas de prata* e exclama entusiasmado :

Este jornal que aqui tenho
 É o jornal — *A Nação* —
 E tem tratado a preceito
 E devéras a questão.

SALOIO

Bem. Então leia lá isso,
 Que ao *fato* de tudo eu fico...

MESTRE

Eu escuso já de ler
 Porque já tudo eu lhe explico.

O laponio de Canéças, que era homem conciliador, vendo que o mestre sapateiro podia muito bem ir-lhe cozendo as botas e ao mesmo tempo apresentando-lhe a explicação do casamento ; fez-lhe vêr isto com modos affaveis, e o mestre concordou plenamente na proposta, proposta de que resultava para o sapateiro aproveitar tempo e ganhar dinheiro.

Notem que o mestre quando começou a explicação, assoou-se a um lenço de algodão azul-ferrete, tossiu tres vezes, como prégador da velha escola e disse ao laponio :

Eu não sei se você sabe...

SALOIO

Eu *nan* sêi nada *sinhor* !

MESTRE

Mau, mau, mau, não m'interrompa

Peço-lhe eu esse favor. (*Pausa.*)

Eu não sei se você sabe...

Que o homem que tem juizo

Não acredita em batatas,

Batatas que causam riso.

SALOIO

Nan diga *vuncê* mais nada,

Porque já não é preciso.

Aqui alterou-se o sapateiro por ter nova inter-

rupção do laponio, e continuou em tom dogmatico e um pouco rispido :

Eu não sei se você sabe...
 Que um homem que tem juizo,
 Sabe bem que Adão e Eva
 Moraram no *Paraizo*.

SALOIO

No *Paraizo* bem sei...
 Tenho *inté* lá um irmão,
 Que é empregado na *fravica*...
Náquella da *Fundição*.

MESTRE

Vá você pentear mônos
 Que se ha outra *interrução*,
 Nem lhe explico o *casamento*
 E largo as botas de mão.

SALOIO

Com mêl diabos... tambem
 Você tem genio damnado !

MESTRE

Tenha genio, ou não o tenha,
Você esteja ahí calado.
Eu não sei se você sabe...
Que a verdade verdadeira,
É que Adão não foi casado
E a Eva morreu solteira.
Foi depois d'este successo,
E para dar no demonio,
Que então s'inventou *cazar*,
Que é o *santo matrimonio*.
Foi esta uma bella lei,
Lei que é quasi universal,
Que instituiu a familia
A viver na sã moral.

SALOIO

Já percebo menos mal.

MESTRE

Ora o mundo é e foi sempre
Como um rebanho de gado,

Quer um pastor que o governe
Para ser bem governado.
Quer ordem... quer estatutos
Quer preceitos... sisudez...

SALOIO

Quer um cão p'r'amor dos *lobos*,
Mal um valente maltez.

MESTRE

Vá você dando atenção,
Pois agora o mestre Gil
Lhe vae contar — atenção !
O casamento civil.
Isto é... conto a diferença,
Repare você, amigo,
Que vae do *assystema* novo,
Para o *assystema* antigo.

D'antes tinha-se assentado
Que um homem lá de... Leiria,
Não se podia cazar
Verbo in gracia... com judia,

Com judia ou com ingleza,
Não se podia cazar;
Não podiam dar a mão
Se não noivos que tivessem
A mesma religião.

SALOIO

Como você sabe a coisa !

MESTRE

Quem no diz é a *Nação*.

Aqui o saloio, olhando sempre para o concerto que lhe estavam fazendo nas botas, disse que tudo percebia magnificamente, mas que a sua duvida era em referencia ao seu rapaz ser primo direito da noiva, e que por este facto, precisava arranjar a licença de Roma, mas que não sabia que letrado havia de procurar para lhe escrever ao papa uma carta, para elle lhe mandar a licença.

O sapateiro aqui desatou a rir com ares de mofa, e dando-se importancia de homem douto e competente na materia, e puchando o fio com toda a alma exclamou :

Ahi é que bate o ponto !
 E a você agora eu conto
 Tudo, tudo meu amigo,
 Repare bem no que digo,
 Por este *assystema* novo
 Póde-se casar o povo...

SALOIO

Amodos que já lombrigo.

MESTRE

A escolha ficará livre
 Porque a lei que nos governa
 Deixa casar á *antiga*,
 Deixa casar á *moderna*.
 Á *antiga*, segue a coisa
 Tal e qual como seguia
 É prohibido o christão
 Casar com uma judia.
 Á *moderna*, a coisa é outra
 Corta muitas desavenças,
 Póde casar toda a gente
 Tenha embora varias crenças

Casa o primo com a prima,
Em uma administração.
Casa a sobrinha de um conde
Com o seu tio barão.
Casa até o com-cunhado
Com a cunhada viuva,
Vae haver de casamentos
Uma grande, immensa chuva ;
Saiba mais — se o seu rapaz
Quizer antiga casar
Tem de tirar mil dispensas
E um dinheirão gastar.
Se se casar á moderna...
Talvez goste da chalaça
Porque lhe sae o consorcio
Eu sei lá... quasi de graça.
E esta lei é extensiva
Aos francezes e aos inglezes,
Aos hespanhoes, ao Brazil.
Só não casa quem não quer
Co'o *casamento civil*.

SALOIO

Case o rapaz á moderna
Para me livrar de contas...

MESTRE

Viva a lei que nos governa,
Aqui estão as botas promptas.

Parece-me que um homem rude não se poderia explicar melhor e mais parlamentarmente.

O saloio, vendo as botas promptas, calçou-as muito contente da sua vida, e tirando da algibeira um sacco de linhagem pequeno e muito esverdinhado pelo azebre do dinheiro em cobre, apresentou ao mestre sapateiro a de *seis da restauração das plantas*; mas grande foi o espanto do laponio de Caneças quando o sapateiro lhe recitou estes dois seguintes versos:

Você vae a um letrado
E pede-lhe uma petição,
Já se vê que a paga logo,
E a coisa é de razão;
Mas se além da petição
Um *libello* reclamar,
Tem você *ambas as coisas*
Ambas ellas de pagar...

O saloio não comprehendeu o fino espirito do mestre remendão, e saiu zangado e furioso, porque lhe custou a brincadeira seiscentos e vinte.

Seis vintens do concerto das botas,

E cinco tostões da explicação do casamento.

Foi barato.